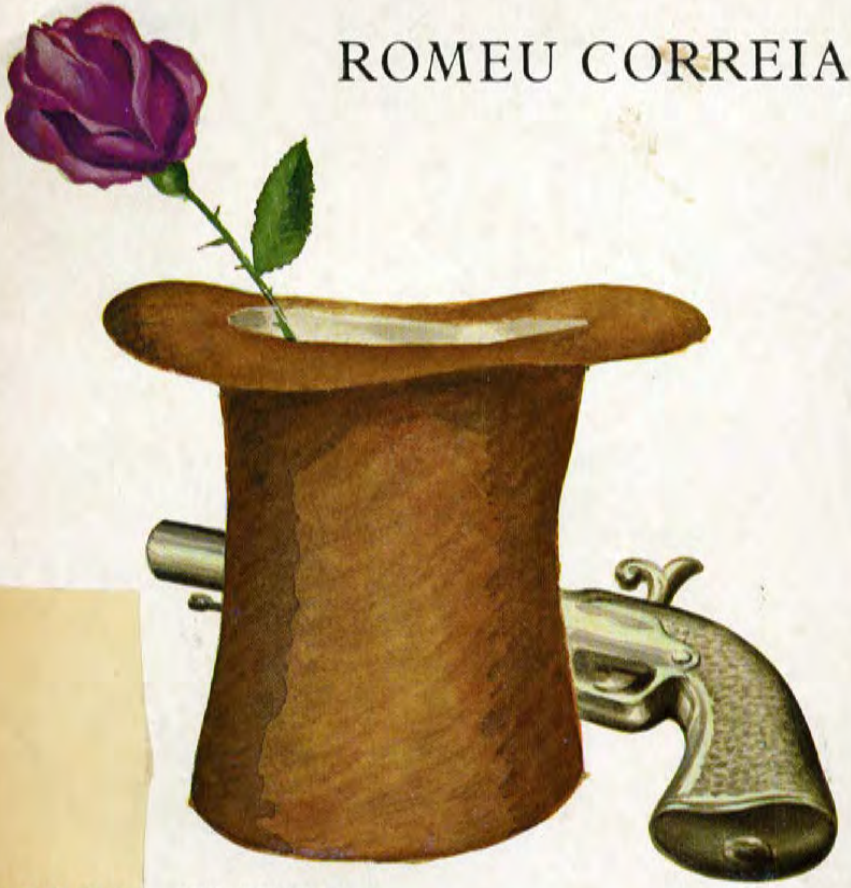
AMOR DE PERDIÇÃO

ROMEU CORREIA



PORTO EDITORA

teatro

ROMEU CORREIA

UL010031677
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

AMOR DE PERDIÇÃO

Glosa Dramática
em 3 Partes

do romance de Camilo Castelo Branco

★

PORTO EDITORA, L.da
RUA DA FÁBRICA, 84
PORTO

DISTRIBUIDORES
EMPRESA LIT. FLUMINENSE, L.da
RUA DA MADALENA, 145
OA-2

Ciclorama ou rotunda de pano azul. Os vários locais da acção podem ser conseguidos no contraste da luz-penumbra e com pequenos e leves adereços colocados pelos próprios figurantes, pois a boa-vontade do público, conhecedor há um século desta história, graciosamente desculpará o tom familiar e pitoresco da encenação. (No entanto, é indispensável utilizar um estrado erguido no fundo a meia altura do palco, onde terão começo as cenas retrospectivas da rivalidade das duas famílias).

Oito figuras do romance terão intérpretes definitivos:

Simão
Teresa
Mariana
João da Cruz
Tadeu de Albuquerque
Domingos Botelho
Dona Rita Preciosa
Baltasar Coutinho,

isto é, começam e acabam o drama metidos na pele da mesma personagem.

As restantes, que mudarão de cabeleira e de roupa duas ou três vezes, serão recrutadas no pessoal do Coro...

Ritinha
Abadessa
Tenente
1.º Vulto
2.º Vulto
Constança
Arrieiro
Joaquina
Carcereiro
1.ª Prima
2.ª Prima
3.ª Prima
Meirinho
2.ª Mana
3.ª Mana
Uma Religiosa
Corregedor do Crime
Ronda
Mendiga
Comandante.

Há ainda quatro «papéis» que terão intérpretes de acaso, pois são figuras populares, incaracterísticas, que tão depressa dizem uma coisa como outra...

1.º Homem
2.º Homem
1.ª Mulher
2.ª Mulher

Princípios do século XIX.

PRIMEIRO ACTO

1.ª CENA

(Penumbra em volta da figura de Simão, que está de pé e envolvida num halo de luz. Várias silhuetas recortam-se em redor do jovem e actuam como

CORO):

Simão Botelho: por que mataste?

SIMÃO

Matei um ladrão.

CORO

Baltasar Coutinho era o morgado de Castro Daire.

SIMÃO

Ele queria roubar a minha felicidade... Não me arrependo.

1.ª MULHER

Tão jovem e já matador!

CORO *(vozes femininas)*:

Dezoito anos...
O arrebol doirado
e escarlate
da manhã da vida!

As louçanias do coração
que ainda não sonha em frutos
e todo se embalsama
no perfume das flores!
Dezoito anos!
O amor daquela idade!
A passagem do seio da família
dos braços da mãe
dos beijos das irmãs
para as carícias mais doces
da virgem
que se abre ao lado como flor
e à mesma hora da vida!
Dezoito anos!

TADEU DE ALBUQUERQUE *(a sua voz)*:

Condenem-no! Condenem-no, que é um matador! Não tenham compaixão desse miserável que me roubou toda a alegria! Senhor Juiz! Senhores jurados! Vossas Senhorias sabem o que é perder uma filha na flor da idade? A minha Teresa vive, mas é como estivesse morta... *(chora)*.

CORO *(vozes masculinas, jurados)*:

Simão António Botelho
solteiro
estudante
na Universidade de Coimbra

CORO *(mulheres)*:

De dezoito anos!...

CORO *(jurados)*:

...filho de Domingos José Correia Botelho de Mesquita e Meneses...

e de Dona Rita Teresa

Margarida
Preciosa
da Veiga
Caldeirão
Castelo Branco...

SIMÃO *(com veemência)*:

Eu não tenho família, sr. Juiz! Perdi-a nos meses que permaneci no cárcere... Restam-me as amizades no cativeiro. E essas me bastam.

D. RITA PRECIOSA *(a sua voz)*:

Que destino o teu, meu filho! Oxalá que tivesses morrido ao nascer! Morto me disseram que tinhas nascido, mas o teu fatal destino não quis largar a vítima!

DOMINGOS BOTELHO *(a sua voz)*:

Senhor Juiz! Senhores jurados! Eu desconheço esse homem que dizem ser meu filho! É o Corregedor de Viseu que vos fala! Cumpram Vossas Senhorias os vossos deveres neste Tribunal que o meu reconhecimento será eterno!...

CORO *(vozes femininas)*:

Senhores jurados!
Nós somos as vossas mulheres
as vossas filhas

as vossas mães
e sabemos
que há bondade
no coração dos homens.
Ele tem dezoito anos!...
Tem dezoito anos e já perdeu
quase tudo na vida...

TADEU DE ALBUQUERQUE *(a sua voz)*:

É um matador! Um matador assassino!

CORO *(vozes femininas)*:

Matou por amor
e matando por amor
matou o ladrão da sua felicidade.
As vossas mulheres
as vossas filhas
as vossas mães
senhores jurados
confiam nos vossos corações!

(Um foco luminoso incide agora sobre uma fila de rostos masculinos: as cinco máscaras dos jurados. Por momentos rufa um tambor. Silêncio).

CORO *(os cinco jurados)*:

O réu Simão António Botelho é condenado à morte natural na forca, arvorada no local do delito.

(Da penumbra, chegam os gritos dilacerantes de uma mulher. É Mariana. Burburinho, seguido logo de um silêncio terrífico; então, passa diante do réu um homem rude, João da Cruz, com a filha, Mariana, nos braços. Passa, lentamente, e desaparece).

SIMÃO *(como que alucinado):*

Quem gritou?

CORO *(mulheres):*

Foi o teu anjo da guarda, fidalgo.

(De novo, o burburinho, agora motivado pela saída da assistência do tribunal. Vozes):

1.ª MULHER

É a filha do João da Cruz.

2.ª MULHER

Passa os dias na cadeia com o fidalgo.

1.º HOMEM

O ferrador deve a vida ao corregedor de Viseu!

SIMÃO

Tanta gente desgraçada que eu fiz!

(O tambor rufa, cadenciado. Dois soldados surgem da penumbra e ladeiam o condenado. Estes marcham ao som das baquetas do tambor. Vão marchar em semicírculo, enquanto o povo comenta):

1.ª MULHER

Quanto vai ele a padecer!

2.º HOMEM

É bem feito, vai pagar pelos inocentes que o pai mandou enforcar.

1.º HOMEM

Queria apanhar a morgada à força de balas!

2.ª MULHER

Dizem que o carrasco já vem a caminho.

2.º HOMEM

Matasse ele um pobre, e tu verias que ele estava em casa!

1.ª MULHER

E a morgada? Ainda está no convento de Monchique?

2.ª MULHER

O pai quer obrigá-la a professar.

(Amortece a luz, enquanto cessa o rufo do tambor. E o Coro abandonou já o palco).

2.ª CENA

(No F. E., surge um recanto da cela do convento: janela em ogiva, gradeada, uma imagem da Virgem na outra parede, uma cadeira, etc. Teresa, vestida de branco, reza.

Uma luz que pode ser vermelha começa a incidir sobre o F. D., surgindo um apontamento da cadeia: o xadrez das grades, banco de pinho, uma bilha de barro. Simão está na enxovia, de pé, olhando através das grades...).

3.ª CENA

(Ouve-se um solo de flauta, melodia do século XVIII — e logo o 1.º andar D. se ilumina. Parede da sala de um solar

da província, tendo duas molduras com retratos de família: a maior, mais doirada e torneada, tem por detrás o busto belo e saudável de D. Rita Preciosa, senhora de 50 anos; a outra, modesta e de madeira escura, encaixilhando o busto canhestro do corregedor de Viseu, Domingos Botelho, conhecido pelo Doutor Brocas... São, como sabemos, os pais do condenado: ambos estão em carne e osso por detrás das molduras, e mostram-se igualmente visíveis da cintura para baixo...).

RITINHA (de olhos vendados, entra na sala a brincar à cabra-cega. Tacteia e pergunta):

Onde se teriam metido as manas? Não fugiram para o jardim.

(As outras duas irmãs, mais velhas, surgem chilreando; tocam-lhe, brejeiras, riem e cortam-lhe as voltas...

Com o começo retrospectivo do drama, desaparecem as figuras de Teresa e de Simão, assim como os apontamentos das celas...

Simão caminha agora no andar superior, lendo um livro. É envolvido pelas irmãs, mas ele está concentrado na leitura. Ritinha, julgando ter agarrado uma das manas, abraça-o e apalpa-lhe o peito e o rosto. Risos das outras que se colocaram a distância).

RITINHA *(decepcionada):*

Ah! és tu, Simão?!

SIMÃO

E não tens medo por saber que sou eu?

RITINHA

Tu és o meu irmão querido.

SIMÃO *(desata-lhe a venda, beija-a na face; depois, irónico, olha para as outras duas meninas)*:

Cuidado, Ritinha... as nossas manas são muito ciumentas.

AS MANAS

Malcriado!

SIMÃO *(trocista, tenta fustigá-las com o lenço da venda)*:

Peruas!

AS MANAS

Simão! Olha que nós queixamo-nos ao nosso pai!

SIMÃO *(esgrime com o lenço, agaiatado)*:

Em guarda!...

1.ª MANA *(aos pulinhos)*:

Não te atrevas!...

2.ª MANA *(idem)*:

Truão! Arruaceiro!

1.ª MANA

Paizinho!

2.ª MANA

Acudam!

(As duas manas fogem para a D.; Simão solta gargalhadas).

RITINHA *(rindo)*:

Ai se elas se queixam...?!

SIMÃO *(indica o retrato do pai, irónico)*:

...ao Doutor Brocas!?

RITINHA

Simão! Não chames isso ao papá!...

SIMÃO *(com ares de peralta, sentencioso)*:

Ele é muito mais conhecido por Doutor Brocas... que por Domingos Botelho ou Corregedor de Viseu!... Todavia, a senhora nossa mãe, quando quer interpelá-lo... *(Imita D. Rita Preciosa a assestar o* lorgnon *e, com voz de falsete)*, diz assim: «Ó Meneses! Meneses!...»

RITINHA *(não sabe se rir, se fugir; tenta auscultar se vem gente)*:

Cala-te, Simão! Podem ouvir-te!...

SIMÃO *(passeia, de livro na mão, doutoral)*:

Brocas vem de broa... broa de milho... Nosso pai, quando académico, roía nela e tocava flauta... Oh, sim, Domingos José Correia Botelho de Mesquita e Meneses, fidalgo de linhagem e um dos mais velhos solarengos de Vila Real de Trás-os-Montes, foi a primeira flauta do seu tempo.

RITINHA *(a rir)*:

Que vergonha, Simão!